Salada para todos gostos

Partidos e candidatos concordam: a despeito de toda a propaganda em torno das 22 siglas que concorrem às eleições de Brasília, o que vai dar mesmo na cabeça é o já famoso voto Frankenstein, composto de nomes de diferentes partidos e tendências ideol.ogicas. Sem a vinculação de votos e com o maior número de opções do País (os brasilienses terão direito a apontar quatro candidatos à Constituinte), a capital da República deverá ser a campeã nacional neste tipo de sufrágio.

"Duvido que haja uma só cédula para o mesmo partido", desafiou um candidato. Outro, realista, avisou que aceita eleitores de qualquer concorrente, enquanto um dirigente partidário admitiu que vários candidatos de sua legenda sobem nos palanques dos outros partidos. Já o presidente da Frente de Ética Partidária revelou que, por trás das dificuldades de acordo em torno do perfil do candidato ideal a ser indicado à população, havia compromissos de alguns membros das pequenas legendas que integram o órgão com postulantes dos partidos maiores.

FRAGILIDADE

A fragilidade da maioria das legendas que concorrem às eleições brasilienses, "e que não se sabe se sobreviverão após o pleito", é a grande responsável pelo voto Frankenstein. Pelo menos é esta a opinião do candidato a senador Benedito Domingos (PFL), segundo o qual o seu é dos poucos partidos que têm expressão nacional e personalidade própria.

"Veja que não há muita coerência nos partidos. Exemplo: há candidatos que participaram do governo passado em quase todas as legendas. Por isso mesmo, não critico o eleitor que escolher os nomes em lugar dos partidos. Embora recomende a Frente liberal, não rejeito os eleitores que, além de mim, votarão em candidatos de outras legendas", acrescentou Domingos.

O candidato pefelista ressaltou, contudo, que o fortalecimento da democracia só ocorre através dos partidos e que o voto Frankenstein tende a acabar com o amadurecimento político da Nação.

DESEJAVEL

Salviano Bonfim, candidato a senador pelo PL, vai ainda mais longe: em sua opinião, o voto Frankenstein é não apenas válido, mas também desejavel. "Trata-se de uma defesa do eleitor contra as imposições das máquinas partidárias".

Para Bonfim, o eleitor prefere escolher nomes a partidos porque as agremiações políticas brasileiras são simples agrupamentos de pessoas com idéias contraditórias: "Exceto no PT e nos PCs, não há a mínima coerência doutrinária nos partidos brasileiros".

Embora vote em um candidato do próprio PL para deputado, Salviano disse que desenvolve sua campanha com baseção pessoal do programa partidário: "Há companheiros do PL que têm uma interpretação completamente diferente da minha para o mesmo programa", reconheceu.

CAMPANHA

Contra o voto Frankenstein, o PFL alterou toda a sua programação no horário gratuito do TRE, com cada candidato cedendo alguns segundos de seu tempo para a propaganda da legenda. O próprio coordenador da campanha pefelsta, contudo, admite que o grande número de candidatos e apossibilidade de o eleitor indicar até quatro nomes determinará a predominância da escolha pessoal.

A propósito, o advogado Paulo Goyaz citou os resultados das pesquisas de opinião de Brasília, onde a Frente Liberal aparece com poucos pontosenquanto os seus candidatos, isladamente, têm os melhores desempenhos eleitorais da cidade.

Uma coisa é certa: apesar de nem todos concordarem com o sistema do voto Frankenstein (votos em candidatos de partidos diferentes para a Câmara e para o Senado), o PT, PCB e PDT reconhecem que serão beneficiados por ele. O PDT, por exemplo, acha que seu presidente e candidato do partido ao Senado, Mauricio Correa, é um nome acima da legenda, e isso tem atraído eleitores de outros partidos.

Eri Varela, consultor-jurídico do PDT, lembra que o sistema do bipartidarismo acabou em 1979 e o voto vinculado, em 82. Assim, o que vale hoje é a liberdade do eleitor, que elege os candidatos dentro de suas conveniências políticas. "As eleições de Brasília hoje não se baseiam em partidos, mas em pessoas, e o PDT não se bate contra isso. É preferível votar sem uma definição político-ideológica a nível de partido do que anular o voto", argumenta Varela.

O PCB concorda que "não se pode prender o eleitor em uma camisa-de-força", segundo palavras do candidato do partido à Câmara, Augusto Carvalho. Para ele, o voto Frankenstein ajuda o partido, e todas as pessoas que queiram dar seu apoio — mesmo filiadas em outras agremiações — são bem-vindas. O PCB, porém, se considera um dos poucos partidos do momento com definição político-ideológica clara. A tendência da sociedade, na opinião de Augusto, é aos poucos passar a se preocupar mais com as legendas, que com o tempo devem ser mais definidas ideologicamente.